



## “BECOS DA MINHA TERRA...”: RE(INVENÇÃO) DO COTIDIANO, CONSCIÊNCIA FEMININA E IMAGENS EM POEMAS DOS BECOS DE GOIÁS E ESTÓRIAS MAIS

ALLEYS OF MY HOMELAND...": (RE)INVENTION OF DAILY LIFE, FEMININE CONSCIOUSNESS, AND IMAGERY IN "POEMS FROM THE ALLEYS OF GOIÁS AND MORE STORIES

Marta Bonach Gomes\*

Ivoni Richter Reimer\*

**Resumo:** Este artigo analisa o poema "Becos de Goiás" de Cora Coralina, destacando a consciência feminina e a inventividade humana diante das estruturas sociais urbanas. As pessoas que moram nos becos criam símbolos e marcas para expressar suas vivências cotidianas, e, com isso, é possível dialogar com as reflexões de Michel de Certeau, sobre as práticas ordinárias e resistência, entre outros. A vida da cidade é traduzida através dos becos, personagens e relações, tornando-os palco e bastidor. Cora Coralina desenvolve uma estética única dos becos, criticando a realidade de seu tempo e considerando-os como metáfora da cidade. Apesar das dificuldades enfrentadas como mulher e idosa, a autora oferece uma perspectiva de esperança, destacando mulheres e minorias como protagonistas na vida urbana.

**Palavras-chave:** Cora Coralina. Cotidiano. Consciência Feminina. Identidade Social. Becos de Goiás.

**Abstract:** This article analyzes Cora Coralina's poem "Becos de Goiás," highlighting the feminine consciousness and human inventiveness in the face of urban social structures. The people living in the alleys create symbols and marks to express their daily experiences, allowing for a dialogue with Michel de Certeau's reflections on ordinary practices and resistance, among others. The life of the city is translated through the alleys, characters, and relationships, making them both the stage and backdrop. Cora Coralina develops a unique aesthetic of the alleys, criticizing the reality

\* Doutoranda em Ciências da Religião da PUC Goiás, Mestra em Letras da PUC Goiás e graduada em Pedagogia (UFG). Professora da SEDUCE-Go e bolsista CAPES. E-mail: martabonach@hotmail.com

\* Doutora em Ciências da Religião/Filosofia/Teologia pela Universität Kassel, com pós doutorado em Ciências Humanas (UFSC). Docente no PPG Ciências da Religião da PUC Goiás. Pesquisadora CNPq. E-mail: ivonirr@gmail.com



of her time and considering them as a metaphor for the city. Despite the challenges she faced as a woman and an elderly individual, the author offers a perspective of hope, emphasizing women and minorities as protagonists in urban life.

**Keywords:** Cora Coralina. Everyday life. Feminine consciousness. Social identity. Alleys of Goiás.

## Introdução

*A vida é boa. Saber viver é a grande sabedoria  
Saber viver é dar maior dignidade ao trabalho.  
Fazer bem feito tudo que houver de ser feito.<sup>1</sup>*

Cora Coralina<sup>2</sup> (1889-1985), poetisa e contista, ostenta uma obra farta em representações sobre o dia a dia do interior brasileiro. Originária da Cidade de Goiás<sup>3</sup> - GO, sua obra exala os motivos do cotidiano do interior brasileiro, especialmente as paisagens de Goiás, com suas vielas e janelas, estradas e calçadas “de tuas ruas estreitas, curtas, indecisas, entrando, saindo umas das outras”<sup>4</sup>.

Ao escrever acerca das ruelas e vilas da Cidade de Goiás (GO), a autora erigiu uma narrativa entrelaçada com sua própria existência, com versos impregnados de um sentimento topofílico. Seu poema “Becos de Goiás” do livro intitulado: Poemas dos Becos de Goiás e Estórias mais<sup>5</sup>, objeto deste estudo, desvelam a geopoética de sua escrita, revelando a descrição do cotidiano e dos sabores intrínsecos às palavras.

Embora tenha dado início à sua carreira literária em sua juventude, a publicação de seu primeiro livro "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais" só aconteceu quando ela já contava com 76 anos (1965). Até o momento de seu falecimento, em abril de 1985, manteve-se produtiva e engajada em sua criação literária.

O enfoque predominante de sua produção poética na fase tardia da vida refletiu-se em sua escrita, a temática da velhice permeia sua obra, como se pode constatar em

<sup>1</sup> CORALINA, Cora. **Vintém de cobre** – meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: Global, 2007. p. 153.

<sup>2</sup> Cora Coralina (1889-1985) foi uma poetisa e contista brasileira, cujo nome verdadeiro era Anna Lins dos Guimarães Peixoto Bretas. Sua obra literária, marcada pela simplicidade e profundidade, retrata o cotidiano, a natureza e a cultura popular de Goiás.

<sup>3</sup> Cidade de Goiás: Ilustre marco histórico, efêmera capital goiana, preserva arquitetura colonial. Antiga Vila Boa de Goiás.

<sup>4</sup> CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014. p. 34.

<sup>5</sup> CORALINA, 2014.



"Ressalva", poema que abre seu primeiro livro: "Este livro foi escrito / por uma mulher / que no tarde da Vida / recria e poetiza sua própria / Vida."<sup>6</sup>

Em seus versos, a escritora transformou sua trajetória em uma narrativa de sua vida e da vida de pessoas simples, frequentemente marginalizadas, como a lavadeira no Rio Vermelho, a mulher do campo, a mulher do povo, a mulher da vida, entre outras.

Comprometida em descrever o mundo ao seu redor e refletir sobre sua própria trajetória, a obra de Cora Coralina evoca o cotidiano e as memórias que a permeiam. Ao contemplar sua vida com todas as suas boas e nem tão boas recordações, a autora também teceu e fortaleceu vínculos afetivos com sua cidade e os demais lugares que percorreu. E nesse sentido:

Cora Coralina reescreveu Goiás, promoveu uma arqueologia do passado através das imagens que construiu. Seu ato de registrar, através da escrita, cenários e personagens historicamente silenciados, constituiu em uma forma de perenização e resistência. Cora ao retornar à cidade de Goiás a transformou em cidade da escrita (da infância e da maturidade).<sup>7</sup>

Cora Coralina revolucionou Goiás ao eternizar sua história e cultura por meio de suas palavras, dando voz ao passado esquecido e tornando a cidade um símbolo literário de sua vida. Este artigo busca responder às seguintes questões: Como a consciência feminina se manifesta na poesia de Cora Coralina e quais são suas contribuições para a representação social? Como os moradores dos becos de Goiás criam símbolos e marcas para expressar suas experiências cotidianas e reivindicar seu espaço na cidade? De que forma as reflexões de Michel de Certeau<sup>8</sup> sobre as práticas ordinárias e a resistência podem se relacionar com a poesia de Cora Coralina?

Este artigo tem como objetivo realizar uma análise intertextual, explorando as ideias e pensamentos de diversos autores, tais como Michel de Certeau, Clifford Geertz, Mircea Eliade e Ramon Saturnino Pesquero<sup>9</sup>, em relação à obra literária "Becos de

---

<sup>6</sup> CORALINA, 2014, p. 27.

<sup>7</sup> BRITTO, Clovis Carvalho. **Moinho do tempo**: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 2009. p. 27.

<sup>8</sup> Michel de Certeau (1925-1986) foi um historiador, teólogo e filósofo francês. Sua obra mais influente é "A Invenção do Cotidiano", na qual explora a prática do cotidiano como uma forma de resistência e criatividade. Certeau também é conhecido por sua contribuição para a teologia e a história cultural. CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

<sup>9</sup> PESQUERO, Saturnino Ramón. **Cora Coralina**: o mito de Aninha. Goiania: Editora UFG, 2003.



Goiás"<sup>10</sup>, escrita por Cora Coralina. Esta análise considera também outros autores relevantes que contribuíram para a construção deste texto.

### Do perfume planaltino aos Becos Poéticos de Cora

Ao buscarmos analisar a maneira pela qual os temas da realidade e do cotidiano são retratados na obra intitulada "Poemas dos becos de Goiás e estórias mais", escrita em linguagem coloquial, percebe-se que a autora aborda questões que fazem parte de seu dia a dia. Tais temáticas abrangem não somente o tempo, ou seja, passado, presente e futuro, mas também assuntos específicos, como literatura, o cenário urbano, o universo feminino, bem como personagens de seu contexto. A identificação de Cora com esses personagens é evidenciada em alguns versos, como em 'Becos de Goiás'<sup>11</sup>.

A obra apresenta uma atmosfera típica de Goiás, com uma aura de terra mãe de Coralina, um perfume planaltino leve e oxigenado, profundamente imbuída de emoções domésticas do povo goiano. Dessa forma há um percurso ainda que tem como ponto de partida, a narrativa, já que o texto é escrito com imagens e símbolos, assevera Geertz:

Para alguns, ele [o símbolo] é usado para qualquer coisa que signifique uma outra coisa para alguém [...]; para outros é usado apenas em termos de sinais explicitamente convencionais de um ou outro tipo [...]; para outros, ainda, limita-se a algo que expressa de forma figurativa aquilo que não pode ser afirmado de modo direto e literal [...]. Para outros, entretanto, ele é usado para qualquer objeto, ato, acontecimento, qualidade ou relação que serve como vínculo a uma concepção – a concepção é o significado do símbolo.<sup>12</sup>

O autor, aqui abordado, Clifford Geertz define padrões culturais como sistemas de símbolos que representam fontes externas de informações, ou seja, além dos limites do indivíduo. Estes constituem um mundo compartilhado de entendimentos onde todos nascem. Esses símbolos fornecem um modelo para compreender e dar forma a processos externos a eles. Como o comportamento humano é influenciado por fontes de informação internas, as externas se tornam cruciais, pois o homem necessita de concepções adquiridas por meio de símbolos.

Como exemplo dessa abordagem, destacamos a maneira como Cora Coralina utiliza a palavra. Essa abordagem transforma a palavra em algo poético e revelador das

<sup>10</sup> CORALINA, 2014.

<sup>11</sup> CORALINA, 2014, p. 103-106.

<sup>12</sup> Foram omitidas explicações e exemplos do autor, considerados dispensáveis. GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. p. 105.



normas, valores e atitudes de uma sociedade e de uma época. A poesia, sendo intrinsecamente imagética, torna-se um terreno propício para revelar aspectos profundos da realidade de maneira simbólica, superando outras formas de conhecimento.

Assim, são explorados temas recorrentes, como a vida na cidade dos becos, a realidade das periferias e da pobreza, a relação com a

Mulher-dama.  
Mulheres da vida,  
perdidas,  
começavam em boas casas, depois,  
baixavam pra o beco.  
Queriam alegria.  
Faziam bailaricos.<sup>13</sup>

A ruela, excluída e oculta, local escassamente frequentado pelas famílias convencionais, espaço em que cada indivíduo trilha sua própria jornada, pode ser interpretada como metáfora da trajetória de Cora. Não somente a ruela, mas também a mulher que ali tece sua existência – mulher que não se adéqua aos cânones identitários socialmente sancionados, e que sofre aversão.

-Baile sífilítico – era ele assim chamado.  
O delegado-chefe de Polícia – brabeza –  
dava em cima...  
mandava sem dó, na peia.  
No dia seguinte, coitadas,  
cabeça raspada à navalha,  
obrigadas a capinar o Largo do Chafariz,  
na frente da cadeia.<sup>14</sup>

A autora faz uso de poema/denúncia “mandava sem dó, na peia<sup>15</sup>” no poema a palavra ‘peia’ é denominada açoite, na Bíblia, a palavra “açoite” é mencionada em diferentes contextos, muitas vezes relacionada a punições físicas ou castigos. “Então Pilatos soltou Barrabás para eles; e depois de açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado” (Mateus 27:26). O açoite era uma forma comum de punição na antiguidade, e os autores bíblicos utilizavam essa linguagem para transmitir as experiências e os desafios enfrentados pelos personagens e figuras religiosas.

<sup>13</sup> CORALINA, 2014, p. 106.

<sup>14</sup> CORALINA, 2014, p. 95.

<sup>15</sup> ‘Peia’ é uma gíria brasileira que significa uma derrota ou espancamento, geralmente usado de forma informal para descrever uma situação em que alguém perdeu de forma significativa em uma competição ou foi fisicamente agredido. CORALINA, 2014.



Assim, com metáforas Cora discorre extensivamente sobre o seu cotidiano. Lendo cuidadosamente os versos da poetisa e compreendendo sua essência, podemos constatar que a poetisa do cerrado foi laureada como a intelectual mais destacada do ano de 1983, principalmente devido à produtividade e solidez de sua obra, que revela uma dimensão regional não influenciada pelo saudosismo nostálgico do passado, mas sim pela atualização de tradições entrelaçadas com valores universais da humanidade.

Ela tornou-se amplamente reconhecida como um ícone do Estado de Goiás, representando as letras e a cultura goiana. Exploramos sua afinidade com os "desfavorecidos" (trabalhadores, mulheres marginalizadas, pessoas humildes e excluídas), sua capacidade de retratar a plausibilidade do mundo e também a maneira como ela aborda a mulher através de uma perspectiva poética.

A poesia coralineana reflete os diferentes momentos que a autora vivenciou e está associada aos paradigmas e ideologias vigentes, evidenciando o caráter dinâmico da linguagem no contexto social. O eu poético é explorado nos versos que incluem a rotina dos becos da memória e os becos atuais, tradições e cultura do povo goiano, reforçando sua identidade e posicionamento. Ela assevera "Amo e canto com ternura/ todo o errado da minha terra", e continua...

E aquele menino, lenheiro ele, salvo seja.  
Sem infância, sem idade.  
Franzino, maltrapilho,  
pequeno para ser homem,  
forte para ser criança.  
Ser indefeso, indefinido, que só se vê na minha cidade.<sup>16</sup>

Ainda que a morte se manifeste ao longo de toda a existência, confrontar a própria finitude assume uma forma mais concreta e genuína na velhice. É nesse momento que se pode experimentar o conflito interno entre o transcurso do tempo e a percepção do sujeito sobre si mesmo. Cora descreve o cotidiano, se despe e faz poética denúncia/social em forma de versos. Não obstante a evidência física e social de que o tempo transcorreu e a vida se concretizou, atestada pela visão da imagem envelhecida refletida no espelho, a vivência subjetiva do tempo reafirma a atemporalidade do inconsciente.

---

<sup>16</sup> CORALINA, 2014, p. 93.



Na velhice dos muros de Goiás  
o tempo planta avencas  
[...]  
Becos da minha terra...  
Válvulas coronárias da minha velha cidade.<sup>17</sup>

Pulsa, então, um embate entre os anseios e as possibilidades de realização diante das marcas do tempo e da finitude. O eu lírico ao aproximar-se do fim da existência, ou diante da iminência do seu término, o Eu necessita encontrar meios substitutivos para lidar com a renúncia de sua continuidade. O Eu se vê submetido a uma dupla exigência na velhice: a preservação de um sentido atribuído à própria vida e a demonstração da realidade do fim desse percurso.

Desse modo, perpetuamente feminina, o eu lírico desvela a doce e evanescente evocação, a plenitude de sua imortalidade:

Apenas a autenticidade da minha  
poesia arrancada aos pedaços  
do fundo da minha sensibilidade  
[...]  
morta serei arvore  
serei tronco, serei fronde  
e minhas raízes  
enlaçadas às pedras do meu berço  
são as cordas que brotam de uma lira.<sup>18</sup>

No crepúsculo da vida, a poetisa se revela eternamente feminina. Nesse contexto, ela resgata uma lembrança delicada e quase esquecida, como se fosse um presente fictício. Isso se assemelha ao caso de Aninha, onde a lembrança também teve um desfecho apenas imaginário, carecendo de autenticidade histórica.

Venho do século passado e trago comigo todas as idades Pertencço a uma geração ponte, entre a libertação dos escravos e o trabalhador livre. Entre a monarquia caída e a república que se instalava. (Parte biográfica - MLC)<sup>19</sup>  
Um dia houve. Eu era jovem, cheia de sonhos. Rica da imensa pobreza que me limitava entre oito mulheres que me governavam [...] Despojada, Apedrejada. Sozinha e perdida nos caminhos incertos da vida. Eu fui caminhando, caminhando... Fiz um nome bonito de doceira, glória maior. E nas pedras rudes do meu berço gravei poemas. (Semente e fruto - VC)  
[...]

<sup>17</sup> CORALINA, 2014, p. 101.

<sup>18</sup> CORALINA, Cora. **Meu livro de Cordel**. Goiânia: Cultura, 1976. p. 19.

<sup>19</sup> Parte desses fragmentos intitulados "Cora Coralina por ela mesma" foram selecionados por José Mendonça Teles e declamados no enterro de Cora Coralina em 11-04-85, na cidade de Goiás, depois publicados no livro "No Santuário de Cora Coralina", 1991. Alguns fragmentos foram suprimidos e acrescentados vários outros que pareceram mais pertinentes ao propósito deste artigo. (Algumas citações serão apresentadas por siglas, letras iniciais de nomes de livros, tendo em vista a repetição em alguns parágrafos).



Sinto que sou a abelha no seu artesanato. Meus versos têm cheiro dos matos, dos bois e dos currais. Eu vivo no terreiro dos sítios e das fazendas primitivas. Amo a terra de um místico amor consagrado, num esponsal sublimado, procriador e fecundo. (A gleba me transfigurava – VC)

A essência mística ou universal do poema se manifesta através da dualidade de significados presentes na ação narrada. Humano e cósmico, Paz enfatiza:

A vida social não é histórica, mas ritual; não é feita de mudanças sucessivas, mas consiste na repetição rítmica do passado intemporal. O passado é um arquétipo, e o presente deve se ajustar a esse modelo imutável; além do que, esse passado está sempre presente, já que retorna no rito e na festa.<sup>20</sup>

Nessa mesma linha de pensamento, Octavio Paz<sup>21</sup> compartilha afinidades com o pensamento de Ricoeur<sup>22</sup>. Ambos enfatizam a importância dos rituais e das tradições como elementos fundamentais para a compreensão da vida social. Enquanto Octavio Paz discute a repetição rítmica do passado intemporal, Ricoeur, assevera que a arte desafia fugacidade com eternidade. História mantém memória dos mortos enquanto reflete sobre narrativa, tempo, eternidade, morte. Ideia de que o cotidiano é permeado por práticas repetitivas e rituais que moldam as interações humanas.

A eternidade que as obras de arte opõem à fugacidade das coisas só pode se constituir numa história? E a história, por sua vez, não permanece histórica apenas se, ao mesmo tempo em que corre acima da morte, ela se previne contra o esquecimento da morte e dos mortos e continua uma lembrança da morte e uma memória dos mortos? A questão mais grave [...] é saber até que ponto uma reflexão filosófica sobre a narratividade e o tempo pode ajudar a pensar juntas eternidade e morte.<sup>23</sup>

Nesse contexto, o caminho para se compreender plenamente o ser humano e sua existência é trilhado através da análise das práticas cotidianas, dos rituais e da forma como a sociedade repete e reinterpreta seu passado. Essa perspectiva revela que a vida social é guiada por padrões simbólicos, mitos e tradições que se perpetuam ao longo do tempo, bem como nos muitos becos coralineanos:

Beco do Cisco.  
Beco do Cotovelo.  
Beco do Antônio Gomes.  
Beco das Taquaras.  
Beco do Seminário.

<sup>20</sup> PAZ, Octavio. **Os filhos do Barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984. p. 26.

<sup>21</sup> PAZ, 1984.

<sup>22</sup> RICOEUR, Paul. **Interpretações e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990. p. 15-60.

<sup>23</sup> RICOEUR, 1990, p. 147.



Bequinho da Escola.  
Beco do Ouro Fino.  
Beco da Cachoeira Grande.  
Beco da Calabrote.  
Beco do Mingu.  
Beco da Vila Rica...  
Conto a estória dos becos, dos becos da minha terra.<sup>24</sup>

Ao poetizar sobre o cotidiano dos becos, sua estilística frequentemente se aproxima do Modernismo brasileiro<sup>25</sup>, revelando-se através da linguagem dos poemas e das marcas características dessa corrente literária. O eu-poético coralineano transita habilmente entre gêneros literários, como o lírico e o épico, conferindo à sua obra uma diversidade expressiva. Em Paz temos o vislumbre de Cora:

'Tentei definir a idade moderna como uma idade crítica, nascida de uma negação. A negação abrange também a arte e a literatura: os valores artísticos estão separados dos valores religiosos. A literatura conquistou sua autonomia: o poético, o artístico e o belo'.<sup>26</sup>

A literatura, em particular, logrou conquistar sua autonomia: o poético, o artístico e o sublime metamorfosearam-se em pilares autônomos, desvinculados de quaisquer referências externas de valor. Contudo, também na literatura e em especial na poética, experiências religiosas permanecem presentes como configurantes de vários usos e costumes, crenças e práticas.

A demarcação de um ponto de vista feminino proporciona a Cora Coralina uma poética singular de seu cotidiano, das tradições e da cultura do povo goiano, transmitindo temas de sua realidade entre pedras e becos de forma simples e sensível, em uma linguagem coloquial e acessível que contribui para a compreensão e apreciação da cultura goiana.

<sup>24</sup> CORALINA, 2014, p. 93.

<sup>25</sup> **Modernismo brasileiro**: Revolução artística rompendo tradições, valorizando identidade nacional. Seguem-se alguns autores: **Mário de Andrade (1893-1945)**: Um dos principais expoentes do Modernismo Brasileiro, Mário de Andrade defendia uma linguagem que incorporasse a fala do povo e as características da cultura nacional. Seu poema "Paulicéia Desvairada" é um exemplo da linguagem inovadora desse período. **Cecília Meireles (1901-1964)**: Embora tenha uma abordagem um pouco diferente em relação à linguagem, Cecília Meireles também fez parte do Modernismo e trouxe uma sensibilidade única para a poesia. Seu poema "Romanceiro da Inconfidência" aborda temas históricos com uma linguagem tocante. **Vinícius de Moraes (1913-1980)**: Inicialmente ligado ao Modernismo, Vinícius de Moraes explorou uma linguagem lírica e musical em seus poemas. Sua parceria com Tom Jobim resultou em letras de músicas que se tornaram clássicos da bossa nova. **Carlos Drummond de Andrade (1902-1987)**: Embora tenha começado sua carreira literária sob a influência do Modernismo, Drummond evoluiu para um estilo mais introspectivo e universal em sua linguagem poética. Seu poema "No Meio do Caminho" é um exemplo famoso de sua abordagem.

<sup>26</sup> PAZ, 1984, p. 52.



Naquela alma humilde, laboriosa, habilidosa na arte da confeitaria, que ganhava a vida com o fruto de seu esforço, produzindo seus deliciosos doces cristalizados. O trabalho árduo de sua comunidade e o seu próprio esforço eram uma constante homenagem ao Criador.

### **Entre Pedras e Becos: o cotidiano pulsante de Cora Coralina**

Através da análise da obra coralineana, busca-se explorar os aspectos da consciência feminina na poesia em Goiás, bem como a forma como moradoras dos becos da cidade criam símbolos e marcas para expressar suas vivências cotidianas, em consonância com as reflexões sobre as práticas ordinárias e as táticas de resistência. Sem meias palavras, ela afirma: “Becos da minha terra, / discriminados e humildes, / lembrando passadas eras...”<sup>27</sup>

Coralina promove uma imersão profunda nas intrincadas nuances da vida cotidiana, destacando-a como um espaço fértil de resistência e criatividade humana, aborda como os indivíduos, em meio ao aparato das estruturas sociais e urbanas, desenvolvem táticas sutis e estratégias dissimuladas para se apropriarem do espaço e exercerem sua agência. A pluralidade de procedimentos utilizados pelos atores sociais na vivência do cotidiano revela-se como uma verdadeira arte da sobrevivência, na qual o poder e a submissão se amalgamam em uma intrincada dança. E Cora Coralina canta:

Becos da minha terra são...  
Becos de assombração.  
Românticos, pecaminosos...  
Têm poesia e têm drama.  
O drama da mulher da vida, antiga,  
humilhada, malsinada.  
Meretriz venérea,  
desprezada, mesentérica, exangue.  
Cabeça raspada à navalha,  
castigada a palmatória,  
capinando o largo,  
chorando. Golfando sangue.<sup>28</sup>

Nessa perspectiva, Michel de Certeau<sup>29</sup> faz ecoar a voz daqueles que, mesmo sob a égide do sistema dominante, forjam ações criativas e assertivas, reconfigurando o

<sup>27</sup> CORALINA, 2014, p. 93.

<sup>28</sup> CORALINA, 2014, p. 93.

<sup>29</sup> CERTEAU, 1998.



cotidiano e tornando-o um campo de possibilidades e inovações. Olhando por esse prisma, os becos, como espaços marginalizados e aparentemente limitados, ganham destaque nesse contexto, representando a luta das comunidades marginalizadas para encontrar sua própria identidade e sentido na cidade, além de reivindicarem seu espaço na narrativa urbana.

Uma análise do poema "Becos de Goiás" de Cora Coralina permite perceber que, em sua poesia, Cora Coralina traz à tona a força de sua consciência feminina, que se reflete tanto em sua vida de lutas e superações como na profundidade de sua escrita poética. A poetisa goiana, com sua sensibilidade e perspicácia, ilumina o cotidiano de Goiás, revelando a riqueza das coisas e das pessoas que habitam os becos da cidade de Goiás.

Beco da minha terra...  
Amo tua paisagem triste, ausente e suja.  
Teu ar sóbrio. Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
[...]  
Conto a estória dos becos,  
dos becos da minha terra,  
suspeitos... mal-afamados  
onde família de conceito não passava.  
[...]  
De gente do pote d'água.  
De gente de pé no chão.  
Becos de mulher perdida.  
Becos de mulheres da vida.  
Renegadas, confinadas  
na sombra triste do beco.<sup>30</sup>

Esses becos, muitas vezes ignorados e relegados ao esquecimento, emergem como personagens-símbolos, representando as múltiplas vozes e experiências que se entrelaçam no tecido urbano. Elaborar-se, assim, “uma nova confiança na condição humana (apesar de sua miséria e efemeridade) em virtude da sua possível transcendência através da arte e do espírito. Ou ainda, uma nova interrogação do ser-poeta e do ser-da-poesia”<sup>31</sup>.

Cora Coralina, como os moradores dos becos, lança mão de símbolos e marcas em sua poesia, criando um movimento de resgate e de valorização da identidade local.

<sup>30</sup> CORALINA, 2014, p. 92-94.

<sup>31</sup> COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil Contemporâneo**. [S.l.]: Siciliano, 1993. p. 17.



Assim como Michel de Certeau<sup>32</sup> discute as táticas de resistência no cotidiano, Cora se apresenta como uma artífice poética, tecendo versos que revelam as nuances e complexidades das relações humanas e das dinâmicas urbanas, subvertendo estereótipos e preconceitos. No poema "Das pedras", Cora Coralina anuncia: "Entre pedras / cresceu a minha poesia. / Minha vida... / Quebrando pedras / e plantando flores. / Entre pedras que me esmagavam / Levantei a pedra rude / dos meus versos."<sup>33</sup>

Além disso, a "pedra rude" de seus versos também caracteriza sua escrita, pautada em linguagem direta e simples. Os Becos retratam de forma marcante a singularidade de sua obra: ao descrever e narrar sobre seu lugar, a poetisa, simultaneamente, descreve e narra sobre si mesma (e vice-versa). Conhecer a Cidade de Goiás por meio dos becos coralineanos é conhecer a própria Cora Coralina.

Ao entrelaçar as ideias e pensamentos de Michel de Certeau<sup>34</sup> em "A Invenção do Cotidiano" com o poema "Becos de Goiás" de Cora Coralina<sup>35</sup>, percebemos a ressonância do eu poético sobre o cotidiano, a resistência criativa e a inventividade humana. Nessa relação, Certeau agiganta-se e chega a fazer coro com a voz de Cora, na luta pela vida e sobrevivência: "Retornam lembranças pessoais, lugares desses mutismos na memória [...] acima dos antigos bairros cheios de barulho e vozerio, eis o seu segredo, monumental e silencioso"<sup>36</sup>.

Tanto Michel de Certeau quanto Cora Coralina nos convidam a enxergar a beleza, a miséria e a profundidade do cotidiano, bem como compreender que, em meio a tantos desencontros, a poesia da vida pode ser encontrada e cantada poeticamente.

### **Fluindo Além do Tempo: A Corrente Poética de Cora Coralina e seus lugares sagrados, e suas identificações**

A poesia de Cora Coralina é como um rio perene, fluindo através das águas do tempo e tocando corações em diferentes eras. A expressão "Fluindo Além do Tempo": A Corrente Poética de Cora Coralina os lugares sagrados, do seu universo privado, "como

---

<sup>32</sup> CERTEAU, 1998.

<sup>33</sup> CORALINA, 2014, p. 13.

<sup>34</sup> CERTEAU, 1998.

<sup>35</sup> CORALINA, 2014.

<sup>36</sup> CERTEAU, 1998, p. 75.



se neles um ser não religioso tivesse tido a revelação de uma outra realidade, diferente daquela de que participa em sua existência cotidiana”<sup>37</sup>.

A seguir, alguns exemplos de lugares particularmente sagrados para Cora poetizados com ricas e graciosas metáforas e corrente Poética de Cora Coralina, destacando como a poetisa transforma lugares comuns em espaços sagrados por meio de sua poesia, revelando uma realidade alternativa à sua vida cotidiana. Isso é exemplificado através de metáforas poéticas em seus escritos:

Goiás, minha cidade Eu sou aquela amorosa de tuas ruas estreitas curtas,  
indecisas, entrando saindo umas das outras [...] Eu sou aquela mulher  
Que ficou velha, [...] cantando estórias, cantando teu passado.  
Cantando teu futuro. [...] Eu vivo nas tuas igrejas e sobrados [...] Eu sou aquele velho muro verde de avenca [...] Eu sou estas casas encostadas cochichando umas com as outras [...] Eu sou o caule dessas trepadeiras sem classe, nascidas nas frinchas das pedras [...] Eu sou a dureza desses morros revestidos, enflorados, lascados a machado, lanhados, lacerados. [...] Todas as vibrações de minha sensibilidade de mulher, têm, aqui, suas raízes. (Minha Cidade – PBGEM)

Captura a essência da poesia que transcende as fronteiras temporais, conectando-nos a um legado artístico rico e inspirador. Neste item, queremos observar a profundidade da poesia de Cora Coralina, concentrando na interligação de sua obra com a Cidade de Goiás e os Becos, ruas, igrejas, casas e ressaltando a universalidade de seu coração inumerável. Assim, em sintonia, as batidas de seu coração vão se identificando...

Neste contexto poético de Cora, é evidente uma ruptura na uniformidade espacial da realidade, semelhante ao conceito de Mircea Eliade<sup>38</sup> sobre espaço profano (uniforme) e espaço sagrado (não uniforme e atemporal) “presença da geografia sagrada e mítica, a única efetivamente real”<sup>39</sup>. Essa quebra da uniformidade infinita se torna um ponto de referência e de identificações da autora goiana.

<sup>37</sup> ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. p. 28.

<sup>38</sup> Mircea Eliade nasceu em Bucareste, Romênia, em 9 de março de 1907 e morre em Chicago, Estados Unidos, em 22 de abril de 1986. Foi estudante e, posteriormente, professor na Universidade de Bucareste, historiador das religiões, mitólogo, filósofo e romancista.

<sup>39</sup> ELIADE, 1993, p. 50.



Casa Velha da Ponte...  
 Olho e vejo tua ancianidade  
 vigorosa e sã.  
 Revejo teu corpo patinado pelo tempo,  
 marcado das escaras da velhice.  
 Desde quando ficaste assim? [...]  
 Minha Casa Velha da Ponte...  
 assim a vejo e conto,  
 sem datas e sem assentos.  
 Assim a conheci e canto [...]  
 Casa Velha da ponte,  
 velho documentário de passados tempos,  
 vertente viva de estórias e de lendas. [...]  
 ... voltei à velha Casa da Ponte,  
 barco centenário enalhado no Rio Vermelho,  
 contemporânea do Brasil Colônia [...]  
 Ancorada na ponte,  
 não quiseste partir rio abaixo,  
 agarrada às pedras.  
 Casa Velha da Ponte,  
 és para o meu cântico ancestral  
 uma bênção madrinha do passado.  
 (Casa Velha da Ponte – MLC)

No trecho citado do livro "A Casa Velha da Ponte", a autora sugere que ao longo da história, todos os grupos humanos transformaram objetos, animais, plantas e gestos em manifestações sagradas, e essa prática provavelmente persistiu ao longo do tempo, especialmente entre os indivíduos religiosos.

Cora Coralina retratou e exaltou a Cidade de Goiás em cada detalhe, bem como o ambiente rural vivenciado por ela desde a infância. Sua poética reflete a sua circunstância concreta. Nada lhe escapa à sensibilidade de mulher e de poetisa em suas identificações.

### **As identificações coralineanas**

Do passado tempo  
 Escuto a voz das pedras: Volta...Volta...Volta...  
 (O Chamado das Pedras – MLC)

Cora Coralina nos leva a uma jornada através do tempo, onde sua poesia flui como uma cachoeira eterna. Essa cascata metafórica representa não apenas a fluidez de suas palavras, mas também a continuidade da expressão artística ao longo das eras. A poetisa, embora "sequer nascida", antecipa seu próprio papel na correnteza literária que viria a se estabelecer. Seu "veio longínquo de cascalho" denota a força e a resistência necessárias para superar obstáculos e encontrar sua voz única e poderosa.

### *A identificação com os Becos de Goiás: Um Diálogo com a História*

Cora Coralina mergulha nas entranhas dos Becos de Goiás, trazendo à tona uma atmosfera rica em cultura e tradição. Suas palavras são uma ponte entre o passado e o presente, um elo que nos conecta com as narrativas vivas das ruas e vielas. A autora não apenas registra esses espaços, mas os ilumina com sua poesia, fazendo com que o cotidiano se torne épico. Em "Becos de Goiás", a interação entre o ambiente e a alma do poeta se torna vívida, resultando em uma simbiose criativa.

### *A identificação de Cora Coralina: Um Ser Geral*

A expressão "assim é Cora Coralina: um ser geral" destaca a capacidade da poetisa de transcender limites e tocar a humanidade como um todo. Sua poesia é o veículo através do qual ela se comunica com diversas gerações e culturas. O "coração inumerável" de Cora Coralina é um presente compartilhado com leitores(as) de todas as origens, um convite para explorar as profundezas da experiência humana.

### *A identificação com as Pontes e Diálogos Poéticos*

A ponte entre a poesia de Cora Coralina e os Becos de Goiás é uma representação da relação simbiótica entre a criadora e sua musa. Enquanto a cidade histórica fornece os elementos tangíveis e sensoriais, Cora Coralina os transforma em uma experiência intelectual e emocional. Seus versos fluem como os becos e vielas, capturando a essência da vida cotidiana e ressignificando-a com beleza poética.

Através de sua interação com os Becos de Goiás, a poetisa nos ensina a encontrar o sublime nas coisas comuns e a descobrir a universalidade da experiência humana. O "coração inumerável" de Cora Coralina continua a bater em cada verso, convidando-nos a mergulhar na corrente poética que transcende os limites do tempo e nos conecta à essência da existência da autora, da leitora e do leitor, dos marginalizados, das mulheres e da estética dos seus becos da Cidade de Goiás.

### **A estética dos becos em Coralina**

A Província de Goiás, em tempos idos, estendia suas asas sob o jugo de uma norma impositiva, que impelia as pessoas que se desviavam do padrão restritivo de



comportamento a sofrerem punições, as quais impunham uma relação servil, que fosse permeada por docilidade e utilidade. Para as elites locais, Essa subserviência era tida como necessária para a manutenção inabalável da hierarquia social e do comando imposto pelas autoridades da época.

A figura da poetisa, ao revelar a dura realidade da vida nos becos, desnuda o destino cruel dos personagens, encerrando-os no derradeiro ato da existência.

(ÚLTIMO ATO)

Um irmão vicentino comparece.

Traz uma entrada grátis do São Pedro de Alcântara.

Uma passagem de terceira no grande coletivo de São

Vicente. Uma estação permanente de repouso – no aprazível

São Miguel.

Cai o pano.<sup>40</sup>

Neste ápice do enredo, figura um irmão vicentino, portador de uma dádiva. O bilhete de ingresso gratuito para o hospício São Pedro de Alcântara é símbolo da esperança efêmera e passageira de alívio aos tormentos da saúde precária. Também se faz presente a passagem de terceira classe, mero lugar no grande coletivo de São Vicente, equivalente a uma viagem no ocaso da marginalidade. E, por fim, como destino definitivo, uma estação permanente de repouso – o aprazível São Miguel, cujo nome poético disfarça a crueza de sua real função, o cemitério.

No prisma conceitual da poetisa vilaboense, as mensagens de Cora Coralina são atemporais, pois elas expressam a identidade, as raízes históricas e as tradições de Goiás de uma forma renovada no presente. Isso é alcançado por meio da eficácia simbólica da metáfora na poesia de Cora Coralina. A metáfora poética utilizada por ela induz o leitor a pensar nos anos do início do século passado, pois através desse recurso, a poetisa reconstrói e representa a identidade do povo goiano. Além disso, a metáfora provoca no leitor sentimentos, emoções, representações e lembranças relacionadas a essa identidade e ao contexto histórico mencionado. Em suma, o uso da metáfora poética por Cora Coralina torna suas mensagens atemporais, conectando o presente com o passado e evocando uma rica experiência emocional aos leitores.

A riqueza de significados encontrados nos poemas de Cora, permite que, em alguns poemas, o leitor seja transportado para o passado de forma nostálgica, relembando com saudade eventos passados. A autora estabelece conexões imagéticas

---

<sup>40</sup> CORALINA, 2014, p. 95.



entre símbolos e as coisas que eles simbolizam, semelhante à relação entre o significante e o significado na linguagem, elementos essenciais na construção de um signo. Essa habilidade de Cora de criar elementos simbólicos eficazes em seus versos permite que os leitores explorem uma variedade de interpretações e conexões em suas obras.

Todo o ranço do passado era presente.  
A brutalidade. A incompreensão, a ignorância.  
Os castigos corporais,  
Nas casas.  
Nas escolas. [...]  
Sobrevivi, me recompondo aos bocados,  
à dura compreensão dos rígidos preconceitos do passado.  
(Parte Biográfica – MLC)

Assim a poetisa da “Casa Velha da Ponte”<sup>41</sup> que, não apenas nos conecta com o passado, mas também faz previsões sobre o futuro e expressa o eu lírico com uma forte dimensão humanitária, vestígios do sagrado a capacidade de transcender o tempo e a realidade, usou a sua poesia como ponte para conectar o passado, o presente e o futuro, enquanto compartilhava uma visão idealista e humanitária do mundo, ela canta:

Nasci antes do tempo.  
Alguém me retrucou.  
Você nasceria sempre antes do seu tempo.  
(Nasci Antes do Tempo – VC)  
[...]  
Tempo virá.  
Uma vacina preventiva de erros e violência se fará.  
As prisões se transformarão em escolas e oficinas.  
E os homens, imunizados contra o crime,  
cidadãos de um novo mundo.  
Aqueles que acreditam  
caminham para a frente ...  
(Premunições de Aninha – VC)

Deste modo, a sociedade que relegava aos pobres – mulheres, homens, crianças – escassas opções de destino: o confinamento sufocante nos becos, a submissão ao sofrimento nos hospitais, asilos, hospício, ou, enfim, a morte – uma maneira eficaz de eliminar, silenciar e ocultar as pessoas à margem, tidas como sombras invisíveis, não mereciam a mínima parcela de visibilidade, e o próprio espaço urbano corroborava para a perpetuação dessa lógica segregadora, pois os becos, redutos de

<sup>41</sup> Livro “Estórias da Casa Velha da Ponte” de Cora Coralina, editado em 2014. Escrito com a insuperável simplicidade e leveza de estilo de Cora Coralina, Estórias da Casa Velha da Ponte traça um retrato fiel e pitoresco da cidade de Goiás, no final do século XIX e início do XX.



miséria e exclusão, encontravam-se discretamente situados na parte posterior ou nas laterais das imponentes ruas da cidade de Goiás.

O eu-poético da autora utiliza mensagens poéticas para evocar visualmente a lembrança do passado, a intensidade do presente e a visão profética do futuro. Essa habilidade é atribuída à sabedoria e sensibilidade artística da autora, que lhe permite perceber o que escapa à mente comum. Além disso, alguns poemas de Cora mostram uma analogia entre os eventos narrados por ela e o mito do início, o momento primordial e atemporal.

#### Símbolos de uma Cidade

Beco da minha terra...  
Amo tua paisagem triste,  
ausente e suja.  
Teu ar sombrio.  
Tua velha umidade andrajosa.  
Teu lodo negro, esverdeado, escorregadio.  
[...]  
Becos da minha terra,  
discriminados e humildes,  
lembrando passadas eras...<sup>42</sup>

Neste contexto de opressão e segregação, a narrativa poética de Cora Coralina evidencia com perspicácia a árdua trajetória dos menos favorecidos, “A forte personalidade que agigantava sua pequena figura humana, apoiada em muletas. Transfigurada pelo fogo sagrado do verbo, incendiada pela emoção poética”<sup>43</sup> enaltecendo a urgência de quebrar os grilhões da cidade impiedosa e reconstruir, em bases mais humanitárias, o tecido social destas terras goianas.

Amo a prantina silenciosa do teu fio de água,  
descendo de quintais escusos  
sem pressa,  
e se sumindo depressa na brecha de um velho cano.  
Amo a avenca delicada que renasce  
na frincha de teus muros empenados,  
e a plantinha desvalida, de caule mole  
que se defende, viceja e floresce  
no agasalho de tua sombra úmida e calada.<sup>44</sup>

<sup>42</sup> CORALINA, 2014, p. 92.

<sup>43</sup> BRITTO, 2009, p. 329.

<sup>44</sup> CORALINA, 2014, p. 92.



Somente assim, os desvalidos poderão alçar voo e levitar nas veredas urbanas, emancipando-se dos grilhões invisíveis e reencontrando a dignidade e igualdade que lhes foram negadas por tanto tempo. Cora questionou algumas visões preconceituosas de sua época, desafiou certos princípios e foi precursora de outros.

No entanto, a partir do que foi dito até agora, é evidente, vestígios de conservadorismo que permeiam os seus poemas, pois a autora do cerrado viveu um contexto da sociedade patriarcal em que a mulher não tinha vez e nem voz.

A cidade de Goiás,  
sendo um conjunto social tradicionalista e fechado,  
não entendeu nem justificou o turista.  
Acostumada a receber visitas,  
dispensar atenções  
e cortesias aos que chegam,  
não o entende e se surpreende  
com esse tipo novo e suas atitudes desatentas,  
longe do padrão aceito e requerido.  
(Reflexões de Aninha – A cidade e seus turistas – VC)  
[..]  
Canto e descanto meus vizinhos.  
Contei sempre com eles e nunca me faltaram.  
Beleza simbólica maior: o Dia do Vizinho.  
(Coisas do reino da minha cidade – VC)  
“Todo o mundo...”  
Expressão pejorativa muito expressiva.  
Muito goiana. Muito Brasil  
[...] Costume estabelecido: Levar buquê de flores.  
(Do Beco da Villa Rica – PBGEM)

Portanto, é apropriado reforçar de maneira mais apropriada os elementos culturais da população de Goiás, que são transmitidos de forma vibrante pela voz da poetisa, uma vez que toda a realidade da região é representada por meio de uma rica simbologia que reflete uma ampla variedade de significados da sociedade e cultura focada.

Casa Velha da ponte,  
velho documentário de passados tempos,  
vertente viva de estórias e de lendas. [...]
   
... voltei à velha Casa da Ponte,  
barco centenário encalhado no Rio Vermelho,  
contemporânea do Brasil Colônia [...]
   
Ancorada na ponte,  
não quiseste partir rio abaixo,  
agarrada às pedras.  
Casa Velha da Ponte,  
és para o meu cântico ancestral  
uma bênção madrinha do passado.  
(Casa Velha da Ponte – MLC)



Cora Coralina é profundamente influenciada por suas experiências de vida e pelas circunstâncias concretas que ela vivenciou. Em suas palavras, ela conseguiu capturar a essência da cidade e de si mesma.

## Ideias Conclusivas

“Disse à mulher: [...] Tu és a Terra fecunda.  
O homem porta a sementes nos seus alforjes.  
(Mensagens de Aninha – VC)

Cora Coralina, a doceira e escritora, ou vice-versa, em sua magnânima poesia, entrelaça de forma magistral suas recordações e experiências, conduzindo-nos pelas ruas e becos, atravessando pontes e adentrando em seu lar, onde nos presenteia com os sabores que moldaram suas reminiscências e forjaram seu ‘espaço íntimo’.

Nesse contexto enriquecido, com base em variadas perspectivas de contemplação e reflexão do cotidiano entre as ‘pedras rudes’ de sua poesia, desvelam-se o afeto e os sabores que delineiam e contornam os lugares. Sua poesia, de estilo simples, proporciona-nos tanto a visualização como a imersão nesses cenários particulares. O vínculo profundo de Coralina com sua terra natal ressalta o quão profundamente os lugares nos marcam e constituem uma parte vital de nossa existência. No fundo, somos poema, compostos pelos versos dos momentos vividos e pelas linhas das paisagens percorridas.

Podemos vislumbrar não apenas uma microgeografia que pulsa poeticamente, mas também a poesia que se revela geograficamente. Assim, Cora Coralina nos presenteia com um convite para uma jornada multifacetada, na qual palavras e cotidiano ganham vida, entrelaçando-se em poesia e geografia, em denúncia e esperança, delineando os mapas íntimos de nossas almas.

E assim Cora quebrou todas as barreiras que impediam sua concretização como mulher e autora: deixou de ser uma filha, uma irmã, uma esposa, uma mãe, uma ‘desconhecida’ – um simples anexo da humanidade – para se tornar Cora Coralina, a mulher e a poetisa, cujo canto ressoou/ressoa muito além das montanhas da Serra Dourada. Destacou-se, obteve o reconhecimento em todo o país, alcançou a realização, porque humilde, porque resiliente, porque poetisa, porque mulher.



## Referências

BRITTO, Clovis Carvalho. **Moinho do tempo**: estudos sobre Cora Coralina. Goiânia: Ed. Kelps, 2009.

BRITTO, Clovis Carvalho; SEDA, Rita Elisa. **Cora Coralina**: Raízes de Aninha. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

CERTEAU, Michel. **A Invenção do Cotidiano**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

COELHO, Nelly Novaes. **A literatura feminina no Brasil Contemporâneo**. [S.l.]: Siciliano, 1993.

CORALINA, Cora. **Meu livro de Cordel**. Goiânia: Cultura, 1976.

CORALINA, Cora. **O Tesouro da Casa Velha**. São Paulo: Global, 1989.

CORALINA, Cora. **Poemas dos becos de Goiás e estórias mais**. 23. ed. São Paulo: Global, 2014.

CORALINA, Cora. **Villa Boa de Goyaz**. São Paulo: Global, 2002.

CORALINA, Cora. **Vintém de cobre** – meias confissões de Aninha. 4. ed. Goiânia: Global, 2007.

ELIADE, Mircea. **Tratado de história das religiões**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989.

PAZ, Octavio. **Os filhos do Barro**: do romantismo à vanguarda. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PESQUERO, Saturnino Ramón. **Cora Coralina**: o mito de Aninha. Goiania: Editora UFG, 2003.

RICOEUR, Paul. **Interpretações e ideologias**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1990.

SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Chave Bíblica. Petrópolis; Vozes, 1997.

TAHAN, Vicência Bretas. **Cora Coragem, Cora Poesia**. São Paulo: Global, 1989.

TELES, José Mendonça. **No santuário de Cora Coralina**. Goiânia: Editora Kelp's, 1991.

**Recebido em:** 30 set. 2023.

**Aceito em:** 18 out. 2023.